

Cursos que não garantem emprego. E quase ninguém procura.

Cursos como Sânscrito e Hebraico, ou mesmo Zootecnia e Geofísica, são quase desconhecidos. Em alguns sobram vagas até na USP. E os poucos alunos que se formam têm dificuldades: onde trabalhar?

Sobra de vagas na Universidade de São Paulo não é ilusão, e aí estão os últimos relatórios da Fuvest: em 1985 houve vagas não preenchidas em Economia Doméstica (44% de sobras), Geofísica (10%); Física em São Carlos (7%); Química em São Carlos (77%); Sânscrito (35%); Árabe (48%); Armênio (40%); Chinês (20%) e Hebraico (40%). E há ainda informações sobre cursos que — embora não apresentem sobras de vagas — também são pouco procurados, como o de Zootecnia, por exemplo.

Mas quem são as pessoas interessadas nesses cursos — alguns deles considerados até exóticos? Por que os escolhem? Como vêem ou enfrentam as perspectivas de mercado de trabalho?

"O que é isso?"

"Mas, afinal, o que é isso que você faz? Administração de Zoológicos?" As vezes, Fábio Martins Guerra Nunes Dias, 21 anos, resolve brincar. Sorri e responde: "É isso mesmo. Vou dirigir zoológicos".

Já está acostumado às perguntas de muita gente que não conhece a área em que acabou de se formar — Zootecnia — e concluiu que o melhor é enfrentar a situação com "pacotes prontos de informações". Para pais de amigos, explicações rápidas e precisas. Para frentistas de postos de gasolina, que vêem o nome da faculdade em seu carro e ficam curiosos, pode ser alguma brincadeira. Mas para possíveis empregadores, como um fazendeiro, o jeito é caprichar.

— É uma área que fica entre agronomia e veterinária. Trabalho mais especificamente com criação de animais, mas não com suas patologias. Tenho uma noção mais aprofundada de nutrição, equinocultura, avicultura, bovinocultura de corte e de leite, etc.

Quem vê Fábio com seu jeito esportivo e descontraído talvez não avalie logo todo o preparo e idealismo que carrega: formou-se zootecnista depois de estudar por quatro anos na Faculdade de Medicina, Veterinária e Zootecnia da USP, e de fazer alguns estágios durante as férias. Com as informações que recebeu de economia, administração, solos e planejamento, entre outras, está apto a trabalhar no campo, por exemplo, em fazendas, granjas ou haras — locais de criação de animais —, tanto administrando quanto dando consultoria técnica com relação a tudo que diz respeito à zootecnia.

Também pode abrir uma firma independente de consultoria, diz ele, ou trabalhar para fábricas de rações e produtos agrope-

cuários, ou mesmo para órgãos governamentais ligados à área. Cooperativas também podem ser um campo de trabalho. E ele não esquece, além de tudo, da possibilidade de ficar na área da pesquisa, dando aulas em universidades ou mesmo trabalhando em algum órgão como a Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Seja qual for o caminho, Fábio não pretende desistir da Zootecnia. Chegou a estudar na fazenda da própria faculdade, em Pirassununga, mudando-se de São Paulo, onde sempre havia morado, e agora está até disposto a deixar a cidade de vez, para seguir sua carreira. Gosta mesmo da área rural, especialmente da criação de animais, ao que pretende dedicar-se. Já fez alguns contatos, está enviando seu currículo a possíveis interessados e sabe que ganhará entre Cz\$ 3 mil e Cz\$ 5 mil no máximo, por mês.

"Todo físico é louco"

— Todo mundo pensa que físico é louco. Quando me dizem "até que enfim uma normal", respondo que não sou tão pouco louca quanto estão pensando. E como trabalho na área de Oceanografia, tem muita gente que acha que passo o dia todo no mar, vendo peixes, que vou à Antártida. O jeito é levar na brincadeira...

O desabafo de Ademildes Maria Paviglione, oceanógrafa física, técnica especializada do Instituto de Oceanografia da USP, demonstra que sua formação também desperta curiosidade. Como acontece com sua colega Sueli Susana Godói, 31 anos, que tem a mesma profissão e função no instituto da USP.

Sueli, fez quatro anos de Física na Universidade de Taubaté, viajando diariamente de São José dos Campos, onde morava. Sempre gostou da área, desde os tempos de colégio. No início, queria se especializar em Física Nuclear, dedicar-se a pesquisas no campo da energia. Mas o estágio que fez durante o último ano de faculdade — trabalhou no Hospital das Clínicas de Taubaté, no controle de radiação para aplicação de tratamentos médicos — a fez mudar de ideia. "Um trabalho triste", que não conseguiu motivá-la. Foi então para o Ita, fez

mais de um ano de pós-graduação em Física. Mais uma vez, sentiu-se no caminho errado e não o seguiu até o fim: "Ali, tratava-se mais da física teórica, não muito aplicável".

Finalmente, preferiu seguir o ramo de Sensoriamento Remoto na área de Oceanografia Física. E foi aí que se firmou, depois de mais quatro anos de estudo no curso de pós-graduação do Inpe (Instituto de Pesquisas Espaciais). Preparo e dedicação não faltaram a esta jovem física, que no entanto não escapou das dificuldades de uma área pouco procurada, pouco conhecida e bastante árida na batalha por um emprego. A própria Susana, que por uns cinco anos — durante seu mestrado — ficou procurando trabalho, sem êxito, comenta:

— Por que sobram vagas em Física? Acho que as perspectivas de trabalho não animam. Quem segue essa área, hoje, é idea-

O idealismo de quem insiste em se manter no campo da Física já aparece nos tempos de faculdade, diz Susana, pois só os que gostam mesmo da área vão até o fim. Em sua turma de Física, por exemplo, entraram cerca de cem, formaram-se dez. "Apesar da estrutura de ensino ter sido boa", afirma.

"Atração de circo"

Sânscrito. Só o nome já surpreende. Imaginem uma profissional dessa área, 43 anos; casada e mãe de quatro filhos, alegre, comunicativa. E Lilian proença de Menezes Montenegro, professora de língua e literatura sânscrita na USP, desde 1974. Algumas das pessoas que a encontram ainda espantam-se:

— Em todos os lugares que vou, quem sabe que sou professora de sânscrito me chama e me apresenta como se eu fosse uma atração de circo...

Lilian conta isso e acha graça. Para ela, nada mais normal do que o sânscrito. "É a língua dos povos da Índia", esclarece a professora, "dos antigos invasores indo-europeus. Uma camada aristocrática". Mas nem todos têm essa informação. E poucos sabem, por exemplo, que algumas das palavras que usamos comumente têm origem nessa língua. Por exemplo, do sânscrito *caraka* vem o nosso açúcar. E de *chitra* vem chita, que empregamos para designar tecido ordinário de algodão.

De qualquer forma, curiosidades à parte, o que levaria alguém como Lilian a querer ser sanscritista? Fez a faculdade na própria USP (incluindo Francês e Português), onde existe desde 1968 o único curso de sânscrito, a nível de bacharelado da América do Sul. Mesmo assim, não só sobram vagas nele como dos poucos alunos que compõem as turmas, no começo (cerca de 20), somente dois ou três acabam se formando.

Para Lilian, que já tinha morado na Alemanha, França e Estados Unidos, o que a atraiu foi seu grande interesse por línguas. Ao inscrever-se para o vestibular, conversou com uma professora de sânscrito da USP. Tomou então contato com este estudo, gostou das comparações que se faz dessa

língua com o grego e o latim. Decidiu-se. E hoje defende sua opção:

— Erradamente, o sânscrito é visto como uma língua morta e exótica. Quando ouvem falar nela, as pessoas já pensam nos costumes exóticos indianos, em ioga etc. Não têm noção de que, na verdade, o curso tem como objetivo fazer pesquisas linguísticas. A prioridade é o estudo da língua e literatura. Através dos textos é que se entra em contato com a cultura da Índia. E se analisarmos textos épicos sânscritos, por exemplo, veremos que não é uma cultura de pessoas desligadas da vida, como muitos pensam, ao contrário, estes textos apresentam uma profunda ligação com a vida, inclusive em termos de sexualidade, que é tratada de maneira muito natural, não sob o prisma da ideologia cristã.

Mas o mercado de trabalho — para os raros alunos que chegam ao fim do curso — não é muito animador. O único caminho, praticamente, é o magistério.

Cultura preservada

Em Hebraico também sobram vagas. E um dos alunos que segue o curso na USP — José Luís Salmasso — faz alguns comentários realistas. Lembra que em áreas como Hebraico, a evasão de alunos é grande. Na sua turma, por exemplo, no final do primeiro ano só havia uns 12 alunos, dos aproximadamente 25 iniciais. E ele acredita que esse número diminuirá ainda mais, no final, formando-se uns seis — ou menos. "É que, na verdade — diz José Luís — línguas orientais são difíceis, exigem muito de quem quer aprendê-las. E nem todos têm interesse ou inclinação suficiente para isso."

Seminarista, 25 anos, José Luís já era estudante de Teologia quando resolveu, no ano passado, prestar vestibular para Hebraico. Ou grego, que foi sua segunda opção. Interessa-se por línguas bíblicas, diz ele, lembrando que o Antigo Testamento foi todo escrito em hebraico. Por isso, irá até o final desse curso de quatro anos. Depois de formado, poderá ser professor, ou pesquisador-tradutor. A área não oferece muitas possibilidades no mercado de trabalho, ele concorda, mas com uma crítica:

— A vida acadêmica no Brasil é vista de maneira muito pragmática, tecnicista. A universidade é tida, antes de tudo, como o caminho mais curto para o sucesso financeiro. E esses cursos pouco procurados, nesse sentido, são vistos como marginalizados por vários setores da sociedade.

Lindinha Sayon



Lilian, professora de Sânscrito.

Fábio: "Administração de zoológicos". Salmasso: depois de Teologia, Hebraico.

lista. Só pode trabalhar em algum órgão ligado ao ramo, com infra-estrutura para pesquisas, etc. Já um profissional liberal, por exemplo, terá maiores chances.